

**Phubbing, tensões entre mídias móveis e a interação face a face:
Um estudo quantitativo**

**Phubbing, tensions between mobile media and face-to-face interaction:
a quantitative study**

Milena Possar GARCIA⁴⁵
Alan ANGELUCI⁴⁶

RESUMO

Phubbing é caracterizado pelo ato de ignorar uma ou mais pessoas pela presença de um Smartphone. Neste contexto, essa pesquisa visa descrever como os jovens compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face a face durante o ato de *Phubbing* através de um questionário aplicado a jovens de 15 a 24 anos, moradores do ABC Paulista. Assim, concluímos que a percepção do *Phubbing* é baixa, mas a preocupação com o celular é alta.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura; Jovens; Phubbing; Smartphone.

ABSTRACT

Phubbing is the act of ignoring one or more people by the presence of a Smartphone. In this context, this research aims to describe how young people understand and deal with the tensions between mobile media and face-to-face interaction during the Phubbing act through a questionnaire applied to young people aged 15 to 24, residents of ABC Paulista. Thus, we conclude that the perception of phubbing is low, but the concern with the cell phone is high.

KEYWORDS: Cyberculture; Young; Phubbing; Smartphone.

1. Introdução

Atualmente, é muito comum vermos cada vez mais pessoas ignorando outras pela presença de um *smartphone*. Isso se caracteriza como um ato de *phubbing* – termo criado a partir das palavras telefone (*phone*) e esnober (*snubbing*).

O fenômeno *phubbing* é descrito em várias partes do globo e tem surgido em decorrência

⁴⁵ Estudante de graduação. 7º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e-mail: milenapgarcia@hotmail.com

⁴⁶ Orientador do trabalho. Professor dos cursos de comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, e-mail: aangeluci@gmail.com

da popularização dos dispositivos móveis conectados à Internet. O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o maior uso das mídias móveis contribuem para que esse fenômeno se acentue, com impactos nos processos de relações interpessoais. Esse comportamento é encontrado principalmente entre os jovens, pois por serem os usuários mais assíduos dos dispositivos móveis, apresentam uma dualidade de culpado/vítima no ato do *phubbing*.

Essa utilização excessiva dos dispositivos móveis causa desgastes nas interações pessoais desses jovens entre si e entre pessoas de seu convívio, gerando muitas vezes desgastes em suas relações. No entanto, é matéria central desse estudo investigar as tensões que esse tipo de comportamento revela nas práticas de consumo de mídias móveis e outros meios de comunicação contemporâneos mediados por dispositivos móveis, desde sua produção até seu consumo.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é descrever como os jovens compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face a face durante o ato de *phubbing*. Como objetivos específicos, busca-se investigar como outras atividades mediadas por telefone (consumo/produção de conteúdo audiovisual digital, navegação, games, etc.) impactam as pessoas que são ignoradas ou que ignoram outros em situações co-presenciais. E também, identificar os efeitos de deslocamento em diferentes contextos de interação social co-presentes.

2. Referencial teórico

É inquestionável o quanto a tecnologia está presente na vida de grande parte da população atualmente. Segundo o estudo anual que analisa o estado da conectividade global, *State of Connectivity 2015*, realizado pelo Facebook entre os anos 2014 e 2015, 3,2 bilhões de pessoas tem acesso à internet, um crescimento de 10% em relação ao ano anterior.

Com a maior facilidade de acesso, o uso da tecnologia vem se tornando imprescindível na vida da maioria das pessoas. Essa facilidade faz com que seja cada vez mais comum que as pessoas precisem estar sempre conectadas a um dispositivo eletrônico sendo o *smartphone* o meio mais utilizado pelos usuários, segundo uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, em 2015⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>

Essa ascensão dos dispositivos móveis vem modificando a forma como nos comunicamos e nos relacionamos entre si. Lemos (2013) aponta que as novas mídias vêm alterando a forma como produzimos, distribuimos e consumimos informação. Ao relacionar suas observações à Teoria Ator Rede (TAR), de Bruno Latour, o autor aponta uma relação de tempo e espaço redefinida pelo uso de dispositivos móveis: “Tempo e espaço não são absolutos (...). São dimensões das associações entre humanos e não-humanos e, conseqüentemente, relativos, incertos, eventuais, gerados nas mais diversas mediações (...)” (LEMOS, 2013, p. 177).

A Teoria Ator Rede, criada pelo estudioso francês Bruno Latour na década de 1980, explica que na cultura contemporânea, os atores humanos e os atores não humanos estão constantemente ligados, eles interferem e influenciam o comportamento um do outro. Para a TAR, a produção de redes e associações surge da relação de mobilidade estabelecida entre os atores humanos e não humanos que se dá na convergência dos novos meios de sociabilidade que aparecem com a cultura digital, como por exemplo as redes sociais e as comunidades virtuais (LATOURE, 2005, p. 796-810).

Essas mudanças afetam principalmente o público jovem, uma vez que são eles os usuários mais assíduos dessas novas tecnologias. Esse uso assíduo é caracterizado pela percepção de valor dada aos dispositivos móveis pelos jovens. Diversos jovens compram e usam determinados objetos com o intuito de serem mais facilmente aceitos pelos colegas e pelos amigos, como se a posse de tais objetos os deixassem em igualdade com as demais pessoas que o possuem (FERLA; SILVEIRA, 2008).

Segundo o site da campanha “*Stop Phubbing*”⁴⁸, 87% dos adolescentes preferem se comunicar por mensagens a falar cara a cara. Portanto, os jovens utilizam cada vez mais seus smartphones, até mesmo em horas que seriam destinadas ao lazer com os amigos ou com a família, fazendo assim com que sua atenção não esteja totalmente voltada para as pessoas que estão com ele naquele momento. Para isso, Sherry Turkle utiliza o conceito “*alone together*” (sozinhos juntos) para caracterizar essa capacidade de estarmos juntos sem estarmos juntos, pois a nossa atenção não está priorizando as pessoas que estão ao nosso redor. Desta forma, concluímos que esse uso excessivo das tecnologias móveis pode ser prejudicial para as

⁴⁸ Disponível em www.stopphubbing.com

interações interpessoais desses jovens, tornando-os cada vez mais isolados de interação face a face.

Algumas questões de pesquisa surgem deste quadro. Vale a pena observar como os dispositivos móveis têm incorporado a convergência dos meios e dos conteúdos de outras TICs, bem como a capacidade de interagir com outras mídias (STALD, 2008). Já se sabe que as ligações e mensagens de texto tradicionais são atividades de abstenção.

No entanto, que grau de atividades de mídias móveis relacionam-se com o fato de ignorar alguém em situações co-presenciais? Também, quais variáveis pessoais estão sendo impactadas quando se comete o *Phubbing* em aspectos específicos de circunstâncias. Muitos estudos anteriores somente focam em locais de trabalho, onde geralmente ocorrem interações entre colegas de trabalho (LING, 2008; TURKLE, 2006).

Estudos recentes relacionados ao *phubbing* indicam nuances sobre os efeitos dos dispositivos móveis nas interações face-a-face. Estudos de Karadağ et al. (2015), Angeluci e Huang (2015) e Blachnio et al. (2016) tem mostrado como novos usos e hábitos de novas mídias estão relacionados com mudanças contemporâneas nos perfis de identidade da juventude.

3. Procedimentos Metodológicos

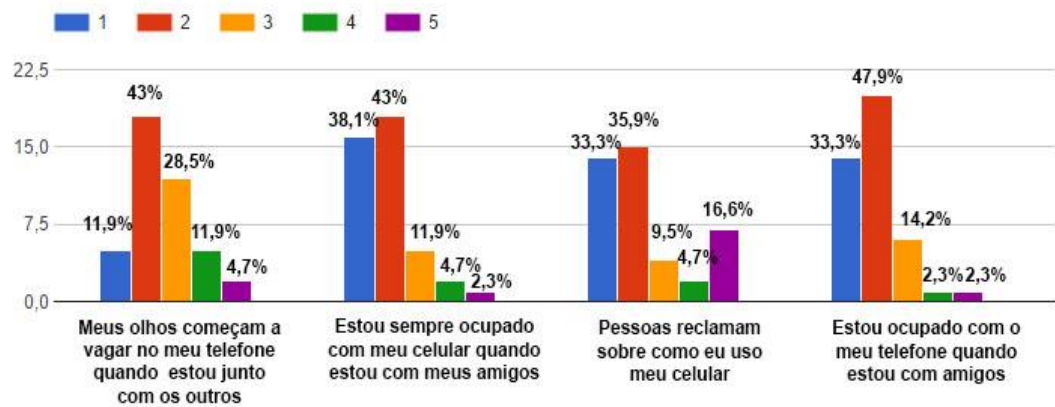
Com o objetivo de investigar mais a fundo essas questões, foi desenvolvido um estudo empírico quantitativo, usando um questionário para observar a relação entre diferenças culturais e aspectos comunicacionais de consumo de mídia móvel. A pesquisa foi baseada em uma amostragem de jovens, dos gêneros masculino e feminino (N=43), na região do ABC paulista. Os dados foram coletados através da Internet usando questionários *online*. Foram recrutados estudantes entre 15 e 24 anos, estudantes de escolas públicas e privadas. As questões foram formuladas utilizando a escala Likert e um conjunto de métodos baseados nos interesses da pesquisa e em modelos utilizados em outros estudos (Karadağ et al., 2015; Angeluci e Huang, 2015).

4. Análise dos resultados

De acordo com os dados válidos coletados (N=43), pudemos observar que os respondentes são de ambos os sexos, solteiros e com idades entre 15 e 22 anos. Esses jovens

passam em média 8 horas/dia na internet durante a semana e 9 horas/dia durante o fim de semana.

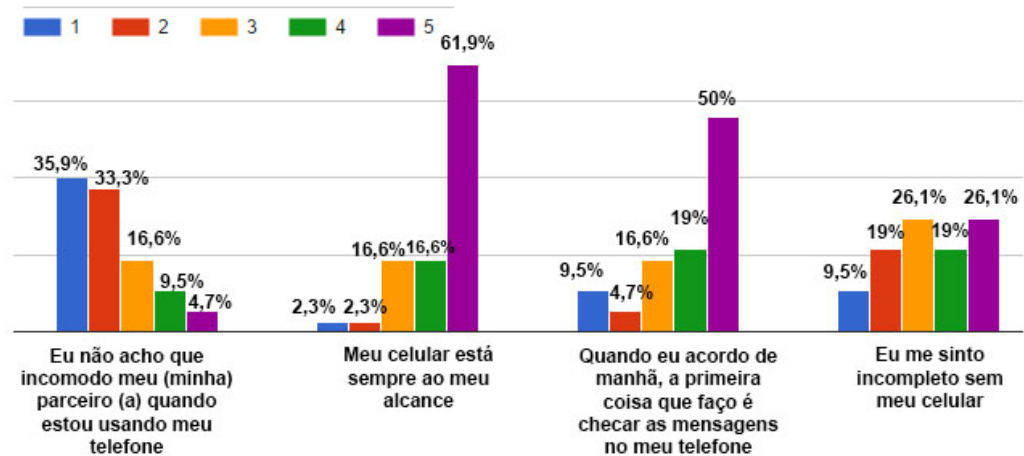
Figura 1 – A Percepção de cometer Phubbing, Parte I.



Fonte: os autores

Podemos entender que a maioria dos respondentes considera que não fazem uso recorrente do aparelho celular durante conversas com amigos, uma vez que afirmam praticamente não receber reclamações de pessoas sobre seu uso de celular, não estão frequentemente ocupados com o aparelho durante conversas e poucas vezes seus olhos começam a vagar pelo celular quando está com outras pessoas.

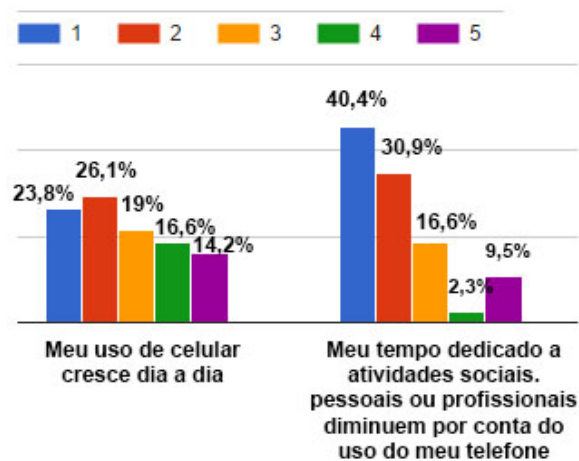
Figura 2 – A Percepção de cometer Phubbing, Parte II.



Fonte: os autores

Esses jovens também não acreditam que incomodam seus parceiros quando utilizam seu telefone. Podemos observar, de acordo com as respostas obtidas, que assim como descreve a Teoria Ator Rede, as interações entre os atores humanos (respondentes) e os atores não-humanos (*Smartphones*) interferem e influenciam o comportamento desses jovens em seu cotidiano, como ao responder que a primeira coisa que fazem ao acordar é checar as notificações de mensagens e como se sentem frequentemente incompletos se não estão com seus celulares.

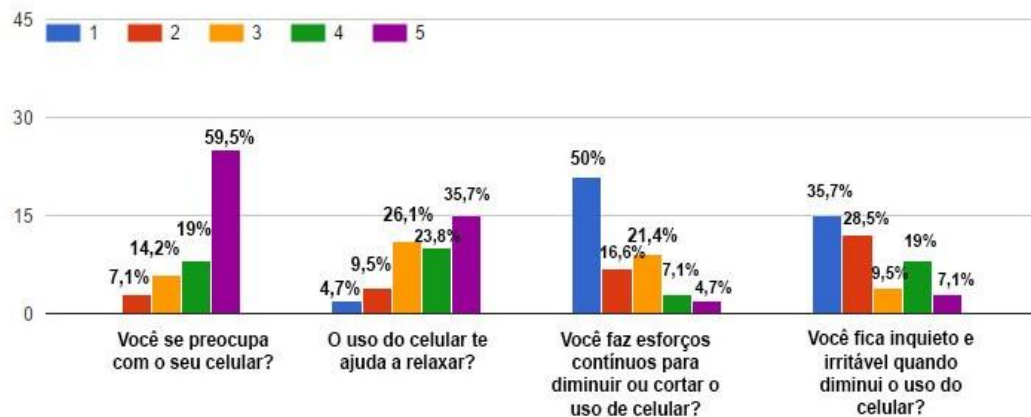
Figura 3 – A Percepção de cometer Phubbing, parte III.



Fonte: os autores

Ainda sobre o uso do celular, a maioria dos respondentes acredita que o crescimento do uso do seu celular no cotidiano seja baixo e que o tempo dedicado a atividades sociais, pessoais ou profissionais não é alterado ou prejudicado pelo uso do seu celular.

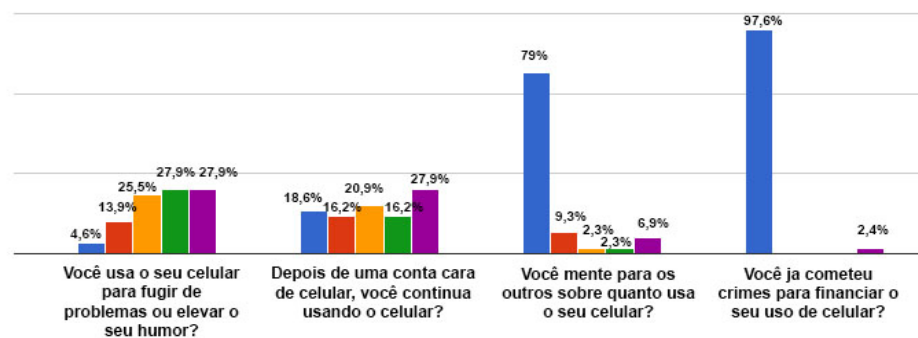
Figura 4 – O comportamento com o celular, parte I.



Fonte: os autores

Sobre sua relação com o aparelho, a maioria dos respondentes afirma que sempre o utiliza para relaxar e sempre se preocupam com seus dispositivos. Também afirmam não fazer esforços contínuos para diminuir ou cortar o uso do celular e por isso não ficam inquietos ou irritáveis quando tentam diminuir esse uso.

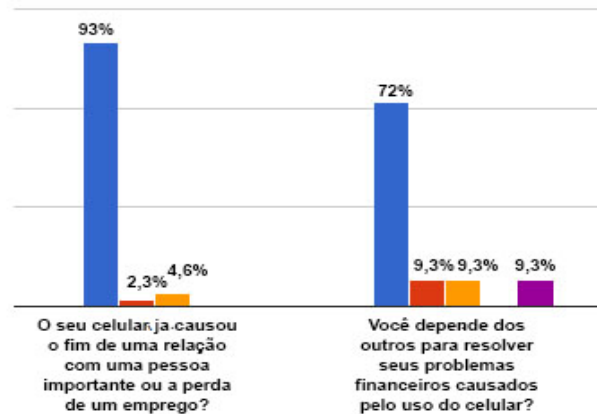
Figura 5 – O comportamento com o celular, parte II.



Fonte: os autores

Ainda sobre sua relação com o celular, a maioria dos respondentes afirma usar o aparelho para fugir de problemas e elevar seu humor, também afirmam não mentir sobre o quanto utilizam o celular. Já sobre a parte financeira, a maioria afirma continuar utilizando o celular mesmo depois de receber uma conta cara, mas que nunca cometeram crimes para financiar seu uso do aparelho.

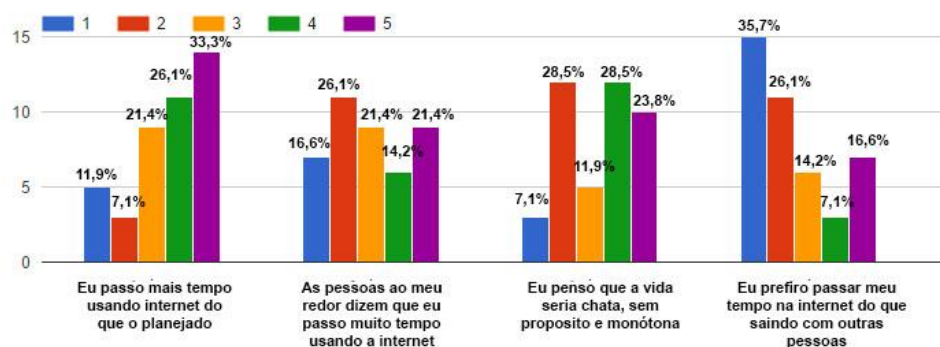
Figura 6 – O comportamento com o celular, parte III.



Fonte: os autores

A maioria desses jovens também afirma não depender de outras pessoas para resolver seus problemas financeiros causados pelo celular. Também nunca passaram por um fim de uma relação ou a perda de um emprego causados pelo uso do celular.

Figura 7 – O uso da internet, parte I.

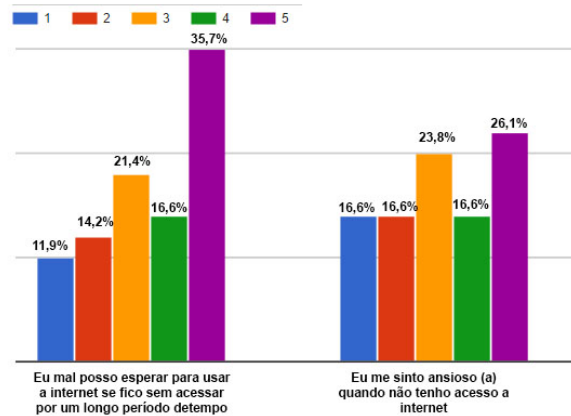


Fonte: os autores

Sobre o uso da internet, a maioria dos respondentes afirma que passam mais tempo do que o planejado usando-a, também afirmam que as pessoas ao seu redor não reclamam sobre o tempo que passa na internet e que preferem sair com outras pessoas a passar seu tempo na internet.

Já quando perguntado se a vida seria chata ou sem propósito sem internet, os respondentes apresentaram opiniões divergentes. Enquanto um grupo acredita que a vida seria frequentemente chata e monótona sem ela, o outro grupo discorda da afirmação, acreditando que a vida quase nunca seria chata ou monótona sem internet.

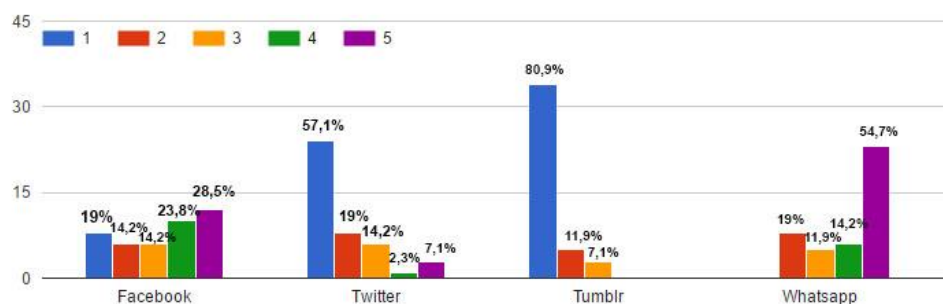
Figura 8 – O uso da internet, parte II.



Fonte: os autores

Apesar de anteriormente responder que preferem sair com outras pessoas a utilizar a internet, podemos perceber que o grau de interferência dos atores não-humanos no cotidiano dos atores humanos é alto e muitas vezes subconsciente, pois ao passar um longo período sem utilizar a internet, esses jovens não vêem a hora de voltar a usar e se sentem ansiosos quando ficam sem acesso.

Figura 12 – Frequência de utilização de ferramentas eletrônicas, parte I.



Fonte: os autores

Sobre a frequência de utilização de algumas ferramentas eletrônicas pelo celular ao mesmo tempo em que uma conversa é desenvolvida, a maioria dos respondentes aponta não utilizar

com frequência as redes sociais Twitter e Tumblr. Já a rede social Facebook e o aplicativo Whatsapp, são utilizados com maior regularidade. A maior utilização dessas ferramentas ilustra a percepção de que os jovens não sentem que estão deixando de lado a vida social física, pois parecem enxergar as relações estabelecidas via celular e aplicativos como parte importante, complementar ou até natural das relações físicas e presenciais, como uma extensão.

5. Considerações finais

Este estudo dedicou-se a analisar o fenômeno *phubbing*, buscando descrever como os jovens compreendem e lidam com as tensões entre as mídias móveis e a interação face a face durante o ato de ser ignorado ou esnobado em situações co-presenciais em razão do uso do celular.

Os resultados mostraram que, de acordo com o público investigado, a percepção de cometer *phubbing* é baixa, mas a preocupação com a presença do celular independentemente da situação social é alta. O celular, como extensão do usuário, passou a ser uma ferramenta fundamental para as atividades cotidianas. Dessa forma, os usuários acabam por confessar que o grau de interferência do celular em suas relações sociais é alto. Relatam-se grandes níveis de estresse e ansiedade com a ausência do aparelho, utilizados predominantemente para interações com outras redes virtuais de amigos e conhecidos, como Facebook e Whatsapp.

Muito ainda deve ser pesquisado sobre esse fenômeno, sobretudo em países onde o tema ainda é pouco explorado, como no caso do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANGELUCI, Alan César Belo; HUANG, Gejun. Rethinking media displacement: the tensions between mobile media and face-to-face interaction/Repensando o deslocamento da mídia: as tensões entre as mídias móveis e a interação face-a-face. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 4, p. 173, 2015.

BARCELOS, R. **Nova mídia, socialização e adolescência um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

BŁACHNIO, Agata; PRZEPIORKA, Aneta; PANTIC, Igor. **Association between Facebook addiction, self-esteem and life satisfaction: A cross-sectional study**. *Computers in human behavior*, v. 55, p. 701-705, 2016.

JUNQUERA, Carola. **Desconectados del entorno y conectados a la red: tan cerca pero tan lejos**. Argentina: Universidad Argentina de la Empresa. 2015.

KARADAĞ, Engin et al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of behavioral addictions**, v. 4, n. 2, p. 60-74, 2015.

LATOURE, Bruno. **Networks, Societies, Spheres – Reflections of an Actor-Network Theorist** – Keynote Lecture, Annenberg School of Design, Seminar on Network Theories, February 2010, published in the International Journal of Communication special issue edited by Manuel Castells Vol 5, 2011, pp. 796-810

LEMONS, André. **Você está aqui!: Mídia locativa e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede”**. Comunicação & Sociedade, Ano 32, n. 54, p. 5-29, jul./dez. 2010.

LING, Richard Seyler. **New tech, new ties**. Cambridge, MA: MIT press, 2008.

PRADO, Jean. 2016. Tecnoblog. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/192063/internet-brasil-mundo-facebook/>>. Acesso em: 29 de jan de 2017.

PORTILLA, K; VALDIVIESO, M. **Ignórale a él, Campaña de mercadeo social para promover el respeto a los demás com el uso correcto del celular**. Ecuador: Universidad San Francisco de Quito. 2014.

STALD, Gitte. Mobile identity: Youth, identity, and mobile communication media. **Youth, identity, and digital media**, v. 143, 2008.

TURKLE, Sherry et al. Relational artifacts with children and elders: the complexities of cybercompanionship. **ConnectionScience**, v. 18, n. 4, p. 347-361, 2006.

VACA, Andrea. **Análisis de la falta del otro y su relación con el neologismo denominado Phubbing**. Ecuador: Pontificia Universidad Católica Del Ecuador. 2015.